



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CCHE - CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

ELISAMA OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE

**PODER E ESCRITA: UMA LEITURA DA PERSONAGEM PROTAGONISTA
FEMININA EM *A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA*, DE MOACYR SCLiar**

**MONTEIRO-PB
2013**

ELISAMA OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE

**PODER E ESCRITA: UMA LEITURA DA PERSONAGEM PROTAGONISTA
FEMININA EM *A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA*, DE MOACYR SCLIAR**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, sob orientação da ProF^a. Dr^a. Aldinida Medeiros.

**MONTEIRO-PB
2013**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A345p Albuquerque, Elisama Oliveira de.

Poder e escrita [manuscrito] : uma leitura da personagem protagonista feminina em 'A mulher que escreveu a bíblia' de Moacyr Scliar / Elisama Oliveira de Albuquerque. - 2013.
45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2013.

"Orientação: Profa. Dra. Aldinida de Medeiros Souza, Departamento de Letras".

1. Poder e escrita. 2. Corpo feminino. 3. Personagem Feminina. I. Título.

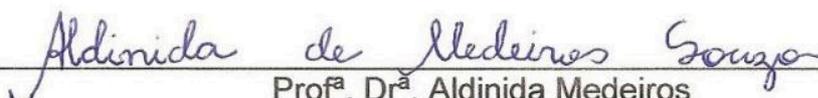
21. ed. CDD B869.3

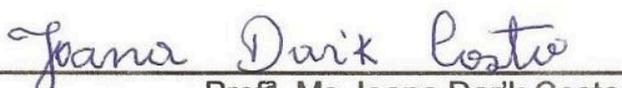
ELISAMA OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE**PODER E ESCRITA: UMA LEITURA DA PERSONAGEM PROTAGONISTA FEMININA EM A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA, DE MOACYR SCLAR**

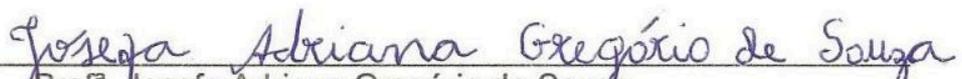
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Aldinida Medeiros.

Apresentada em 28 de 08 de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof^ª. Dr^ª. Aldinida Medeiros
(Orientadora – UEPB)


Prof^ª. Ms Joana Dar'k Costa
(Examinador – UEPB)


Prof^ª. Josefa Adriana Gregório de Souza
(Examinador – UEPB)

Dedico esta monografia primeiramente, ao meu Deus, por ser a minha força em todos os momentos. Ao meu esposo e meus familiares, pela fé e confiança que demonstraram. A minha orientadora por não desistir de mim e, também, pela paciência no decorrer deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus, pela força e a capacidade para chegar à conclusão desse trabalho.

À Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI, pela oportunidade que me favoreceu, ao fazer um curso superior em minha cidade.

Aos professores que compõe a banca, por se dispor a analisar esse trabalho.

A minha maravilhosa mãe, Edite Oliveira, que me esperava, incansavelmente, todos os dias quando estava voltando da Universidade.

Ao meu esposo Silvio Jorge, pelo carinho, orações e encorajamento.

A minha irmã, Maria Lenira, que sempre me deu muita força e acreditou que eu seria capaz.

A minha família, de modo geral, que nunca me deixou faltar nada. E aos meus amigos, entre eles Rosangela Menezes, por quem tenho imenso apreço.

A minha paciente orientadora, Aldinida Medeiros, por me ajudar a realizar o sonho de ver esse projeto finalizado.

Aqueles que de madeira direta ou indireta contribuíram nessa minha caminhada.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

A mulher que escreveu a bíblia (2007) é um romance magistral, da autoria de Moacyr Scliar. É possível de ser estudado por diversas linhas de pesquisa, pois é um livro de conteúdo riquíssimo, de uma refinada ironia e de uma escrita poética tornando seu enredo, ao mesmo tempo divertido e profundo. A leitura realizada deste romance nos mostra como a escrita traz poder. Neste caso, substituindo o poder atribuído ao corpo feminino belo, que seria o poder de sedução, a escrita vai colocar a protagonista intitulada como Feia, num patamar de poder que a iguala aos grandes homens do tempo bíblico da trama, como Salomão. Escrita, poder e corpo tornam-se então o viés pelo qual Moacyr Scliar recria a figura da mulher nos tempos do rei Salomão, atribuindo a uma Feia um poder que nenhuma do harém do rei possuía. É uma forma de mostrar outra leitura das escrituras sagradas, de desconstruir um referente histórico e de mostrar, por outro ângulo que a mulher é um ser dotado da beleza do corpo, mas que esta pode ser substancialmente substituída pelo poder da inteligência, no romance mostrado através do poder da escrita.

Palavras-chave: Romance. Moacyr Scliar. Personagem feminina. Escrita.

RESUMEM

La mujer que escribió la Biblia (1999) es una novela magistral, escrita por Moacyr Scliar. Puede ser estudiado por varias líneas de investigación, es un contenido rico libro, una fina ironía y la escritura poética que hace que su parcela, mientras que es divertido, profundo. La lectura que hacemos esta novela se mueve a lo largo de del camino y muestra cómo la escritura trae poder. En este caso, en sustitución de la potencia asignada al cuerpo de la mujer hermosa, sería el poder de seducción, la escritura se pone el protagonista de la novela de un nivel de energía que equivale a los grandes hombres de la época bíblica de la trama, como Salomón. Escritura, el poder y el cuerpo se vuelven tan sesgo mediante el cual Moacyr Scliar recrea la figura de la mujer en los tiempos del rey Salomón, assignar a una Feia un poder que ninguno de los del rey harén poseía. Es una manera de mostrar otra lectura de las Escrituras, para deconstruir una referencia histórica y mostrar, desde otro punto de vista que la mujer es un ser dotado de la belleza del cuerpo, pero esto puede ser reemplazado sustancialmente por el poder de la inteligencia, la novela muestra a través del poder de la escritura.

Palabras clave: Romance. Moacyr Scliar. Personaje femenino. Redacción.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 CAPÍTULO I - DO CORPO E DA CONDIÇÃO DA MULHER: ALGUNS ASPÉCTOS HITÓRICOS.....	12
1.1. Representação feminina na Bíblia.....	13
1.2. Corpo e condição feminina.....	17
3 CAPÍTULO II - A PERSONAGEM FEMININA ESCRITA, PODER E CORPO EM <i>A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA</i>	21
2.1. A personagem no romance.....	22
2.2. Elaboração da personagem protagonista em <i>A mulher que escreveu a Bíblia</i>	24
2.3. Corpo x escrita: a Feia que escreveu a Bíblia.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5 REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Moacyr Scliar, médico, gaúcho de Porto Alegre, alcançou grande importância na literatura brasileira. Seus livros são sucesso de crítica e de público. São mais de 67 livros abrangendo o romance, a crônica, o conto, a literatura infantil, o ensaio, pelos quais recebeu inúmeros prêmios literários. Seus principais romances são: *A guerra no Bom Fim* (1972), *O exército de um homem só* (1973), *Os deuses de Raquel* (1975), *O centauro no jardim* (1980), *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), *A majestade do Xingu* (1997), *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), citando apenas alguns.

Esse último, tomado como objeto para nosso estudo, traz como personagem protagonista, desde o início da obra, uma mulher a procura de si mesma, da sua identidade, e para tanto se submete à terapia de vidas passadas. Numa de suas consultas descobre ter sido uma antiga cidadã dos tempos bíblicos, por volta do século X, antes de Cristo, em Canaã. Desse emaranhado é que Scliar faz uma ponte entre esses dois períodos de tempo.

A obra escolhida apresenta uma narrativa de primeira pessoa, dividida em duas partes. A primeira é a fala de um narrador sobre sua profissão, ele é terapeuta de vidas passadas e conta a história de uma de suas pacientes: uma mulher feia e inteligente, que sofre uma desilusão amorosa. Com as sessões de regressão, ela descobre que viveu em um tempo passado e foi uma das esposas de Salomão. Mais ainda, ela descobre que escreveu a Bíblia. Depois destas muitas sessões com o terapeuta, ex-professor de História, que acaba se apaixonando por sua paciente, ela afirma-se curada e deixa por escrito todas as suas voltas ao passado.

Sobre os elementos da narrativa, é interessante observar que as duas partes do livro trazem narradores homodiegéticos, ambos inseridos nos respectivos tempos presentes que narram. O terapeuta de vidas passadas narra sua experiência com a paciente, por quem ele se apaixona. Na segunda parte, que podemos considerar uma metadiegeese, pois é a história que esta mesma paciente deixa-lhe escrita, é ela própria a narradora. Este recurso instaura dois

narradores num mesmo romance ou novela literária é muito comum na contemporaneidade. Faz parte dos recursos que permite à trama uma maior complexidade narrativa.

A primeira parte da narrativa é curta. Consta na edição consultada cerca de nove páginas e isso pode ser tomado como uma ponte, para poder situar o leitor no tempo passado. A linguagem utilizada pelo personagem narrador nesta parte mostra uma pessoa bem complexa, difícil de ser caracterizada e que em alguns momentos parece dono de uma linguagem vacilante. Parece ser uma pessoa insatisfeita com a própria vida. No decorrer das quase nove páginas ele descobre-se apaixonado pela sua paciente, mas não aceita esta paixão. Quando resolve se declarar a ela é tarde, pois com as sessões de regressão e o descobrimento de sua vida passada, a Feia consegue resolver os problemas de sua vida atual. Ela deixou-lhe um bilhete e uma pasta, explicando tudo.

Ele é historiador, mas, a partir de uma experiência, por puro acaso, na escola em que trabalhava, aconteceu de se descobrir terapeuta de vidas passadas. A partir de uma brincadeira que ele criou, para que os alunos encenassem um personagem histórico, um caso chamou a atenção de todos na escola:

Um dos alunos, um rapaz muito quieto, muito humilde, resolveu representar o papel de um príncipe qualquer, já não me lembro qual. Entregou-se por completo à tarefa. Pesquisando a vida do personagem, passava horas na biblioteca [...] Seu comportamento mudou; tratava os colegas de forma estranha, agressiva. Muitos se queixavam. Mas eu não dava muita bola: afinal, tratava-se de um adolescente e adolescentes têm dessas coisas. (SCLIAR, 2007, p. 9).

Nesse momento da diegese, em que deixa o leitor a conhecer como se tornou terapeuta de vidas passadas, ele faz um jogo entre real e ficcional, trazendo para a narrativa a antiga dualidade entre realidade e ficção, já mostrada por muitos escritores: “Aturdido, eu não sabia o que pensar. Mas logo dei-me conta das extraordinárias possibilidades que o caso do garoto me proporcionava. Um novo caminho abria-se diante de mim [...]”. (SCLIAR, 2007, p. 10).

Esse recurso foi muito explorado, por exemplo, por Jorge Luís Borges no conto *Pierre Menard autor do Quixote*. E também recentemente por Jostein Garder em *Vita Brevis*. É o eterno jogo da literatura, o mundo da ficção, com a

vida, o mundo real, que pode trazer muito mais imaginação a partir da dúvida instaurada na mente do leitor: “Esta é a história que conto nas entrevistas. E já a contei tantas vezes que para mim se tornou verdade. Fato ou ficção, o certo é que as pessoas gostam muito, e é o que importa.” (SCLIAR, 2007, p. 10). Entretanto, este jogo de sedução, de tornar mais tênue os limites entre ficção e veracidade, vai existir em maior ou menor grau a depender do repertório do leitor, para que este perceba o jogo ficcional.

Nesta narrativa, é através dos escritos contidos na pasta, que a paciente deixa para o terapeuta, que vamos conhecer a história da Feia que escreveu a Bíblia. Apesar da mulher naquele tempo viver sob o forte domínio do patriarcado e da religião judaica, a personagem protagonista apresenta, ao longo da história, por diversas vezes, insubmissão a essa condição monótona e aprisionadora.

Sabemos que este romance apresenta muitas possibilidades de estudos críticos. Poderia ser analisado, por exemplo, à luz da psicanálise, ou das teorias da subjetividade, ou ainda poderia ser feito um estudo cujo foco fosse paródia e intertextualidade; e também poderia ser estudado como romance histórico, com base nos estudos de metaficção historiográfica. Porém, diante de todas as possibilidades, escolhemos esta, de analisar a condição social da mulher, comparando as dos tempos bíblicos com as da contemporaneidade e observando a trajetória da personagem, que mostra-nos as grandes mudanças neste sentido.

Ao nos referirmos ao corpo, não volvemos sobre este nem uma teoria da psicanálise nem uma teoria puramente, histórica. Procuramos mesclar um pouco do que algumas áreas de estudos nos proporcionavam, apenas para compreendermos a importância do corpo que acaba sendo substituído pelo poder da escrita, neste romance.

Foi observando esses pontos que optamos por desenvolver esse trabalho, que tem como objetivo analisar a figura feminina na sua condição inferior, tal como é denotado na obra escolhida como corpus; observar como a personagem principal torna-se uma mulher reconhecida, dona de si, defensora da sua classe, poder que lhe foi concedido através da escrita dos conhecimentos; e apontar fatos que representam a contemporaneidade.

Nesse sentido, rever o passado torna-se absolutamente necessário à quebra de paradigmas estabelecidos no decorrer do tempo, os quais podem passar a determinar uma ordem, conforme os modelos vigentes, e vários foram os teóricos que contribuíram para o estudo, ou melhor, dizendo de uma reinterpretação do passado.

CAPÍTULO I
DO CORPO E DA CONDIÇÃO DA MULHER: ALGUNS ASPECTOS
HISTÓRICOS

1.1 Representação feminina na Bíblia

A mulher, conforme temos visto na maioria das figuras femininas da Bíblia, é submetida a uma série de conceitos que só legitimam o patriarcado, que neste trabalho refere-se ao patriarcado bíblico, que se origina da cultura dos povos judaicos¹. O que se pode perceber é que, seguindo uma tradição religiosa da cultura judaica, homens e mulheres são caracterizados como participantes de papéis completamente diferentes, em que a vida da mulher seguia conforme os interesses masculinos, sendo envolta em uma aura de castidade e de resignação, pois devia procriar e obedecer às ordens do pai ou do marido, enquanto o homem era o responsável pelo lar, trabalhando para dar sustento a sua família.

Uma das formas de compreender as transformações sociais que as mulheres conquistaram é o fato de estarem ocupando cada vez mais seu espaço no seio social, desencadeando com isso um momento crucial para a evolução dos tempos contemporâneos, como podemos perceber na afirmação que segue de Nicole Pellegrin (2010):

A cada etapa, o recuo do pudor e dos tabus visuais em matéria de sexualidade suscita interrogações sobre o futuro da sociedade e da moral. Por serem menos polêmicos, os discursos científicos sobre o corpo vão culminar igualmente no questionamento das vulgatas e dos comportamentos. (PELLEGRIN, 2010, p. 117 e 118).

Dessa maneira percebemos que a cultura, embora venha se transformando, exprime os diferentes modos de comportamento na vida social, referindo-se tanto a humanidade como um todo, quanto de modo particular, uma dessas formas é a expressão corporal das mulheres. Apesar de ser parte essencial na sociedade ainda é tida como inferior desmerecedora dos seus direitos. Isso pelo fato de defenderem um ideal igualitário ao dos homens, ser valorizada, garantir sua liberdade de expressão, sentir o direito a convidar-lhes

¹Quando nos referimos ao patriarcado, é sobre o patriarcado bíblico que estamos falando. A sociedade na Bíblia era patriarcal, contrastando com a matriarcal, que descreve uma forma de organização comunitária na qual a mãe atua como cabeça da família, clã ou tribo. Nas genealogias bíblicas, a linhagem traçada é a do homem. Por essa razão, as mulheres raramente são mencionadas (GÊNESIS, 11.29; NÚMEROS, 26.33).

para uma nova inteligência que independe de outrem, mas, agora de si mesmas, assim como atesta Nicole Pelligrin (2010):

A 'liberdade dos costumes', como se diz no princípio do século XX, passa ao mesmo tempo pela libertação da palavra e dos gestos, pela transgressão da moral conjugal tradicional e, enfim, pela supressão dos tabus. Mas o direito ao prazer tem uma contrapartida: a recusa das violências sexuais e de uma sexualidade sob coerção. (PELLIGRIN, 2010, p. 132).

Algumas mulheres apresentadas na Bíblia por defenderem uma fé religiosa, que impunham as mulheres a uma tradição rigorosa e manipuladora, as mesmas não contestavam sobre sua força de libertação seguindo um costume que atualmente não cabe aos seus ideais de direitos iguais. Um exemplo clássico de mulher judaica que seguia à risca ou rigorosamente a tradição foi Sara, esposa de Abraão, que em tudo obedecia ao seu homem e ao seu Deus. Isto nos mostra o quanto o regime patriarcal sujeitava mulher à submissão. Desde sempre vemos que a Bíblia apresenta esse lado de sujeição, de castidade por parte da mulher como diz em Gênesis: "E à mulher disse: o teu desejo será o do teu marido, e ele te governará." (GÊNESIS, 2009, cap.3, vers. 16).

Raras são as exceções, mas, também temos exemplo de mulheres que exerciam poder de comando ou alguma outra forma de poder nos povos descritos pela bíblia. Débora, esposa de Lapidote, era juíza. Embora não pertencesse a uma linhagem aristocrática, liderava o grande exército Israelita, formado por mil homens, com a ajuda do comandante Baraque. Ela foi um modelo feminino de liderança num tempo em que apenas os homens eram, via de regra, os líderes e comandantes. Além disso, foi a única mulher mencionada nos livros da Bíblia a ocupar cargo político elevado, por escolha do seu próprio povo, os israelitas, características essas que já vemos como bastante frequentes nas mulheres do século XXI. Sobre Débora, vejamos o trecho que segue:

Então, Ihe disse Baraque: se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei.

Ela respondeu: Certamente, irei contigo, porém não será tua a honra da investida que empreendes, pois às mãos de uma mulher o Senhor entregará a Sícerá. E saiu Débora e se foi com Baraque para Quedes. (JUÍZES, 2009, cap.4 vers. 8 e 9).

Embora a mulher bíblica se apresente quase sempre como uma figura subordinada, os povos de religiões politeístas também registram episódios de insubordinação aos costumes. Um exemplo é a filha de um Faraó egípcio, que independente da vontade de seu pai (um governante poderoso), criou uma criança hebraica, o que de acordo com a tradição egípcia era proibido, mas por se tratar de uma mulher que fazia parte da corte real seu pai lhe dá o direito de ficar com o menino.

Segundo duas crenças populares, alguns afirmam que Hatshepsutfoià mulher que retirou Moisés do rio, ela considerou o menino um presente dos deuses, já que não podia ter filhos para se tornar herdeiro do trono e substituto do seu pai adotivo o faraó Tutmose II, outros acham que a princesa que salvou Moisés era filha de Ramsés II, um faraó muito cruel, o que teria tornado miserável a vida dos escravos hebreus, de acordo com essa assertiva:

Desceu a filha de Faraó para se banhar no rio, e as suas donzelas passeavam pela beira do rio; vendo ela o cesto no castiçal, enviou a sua criada e o tomou. Abrindo-o, viu a criança; e eis que o menino chorava.[...] Então, lhe disse a filha de Faraó: Leva o menino e cria-mo; pagar-te-ei o teu salário. [...] Sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha de Faraó, da qual passou ele a ser filho. (ÊXODO, 2009, cap. 2 vers. 5 e 6).

Esta versão de que a princesa egípcia que retirou Moisés do rio é a filha de Ramsés II é a mais conhecida de mais aceita.

Comparando alguns aspectos das mulheres dos tempos bíblicos aos tempos de hoje, trazemos o episódio bíblico da prostituta que foi salva por Jesus Cristo de ser apedrejada até a morte, por ter sido surpreendida em adultério. A Bíblia não relata seu nome, nem seus parentes, como apresenta no livro bíblico, escrito pelo evangelista João (2009): “Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante de adultério. E a nós mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas.” (João, 2009, cap.8 vers. 5 e 6). Segundo a Lei de Moisés, era levado a castigo tanto as mulheres, como os homens, sendo apedrejado até a morte com o objetivo de preservar a sociedade, eliminando o mal pela execução do criminoso, como mostra o trecho:

Então, levarás o homem ou a mulher que fez este malefício às tuas portas, sim, o tal homem ou mulher, e os apedrejarás com pedras, até

que morram. Por depoimento de duas ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer; por depoimento de uma só testemunha, não morrerá. A mão das testemunhas será a primeira contra ele, para matá-lo; e, depois, a mão de todo o povo; assim, eliminarás o mal do meio de ti. (DEUTERONÔMIO, 2009, cap.17 vers. 5, 6 e 7).

Entretanto, Jesus evitou que aquela mulher fosse apedrejada. Desse episódio até os dias atuais, quantas mulheres não foram apedrejadas e quantos milhões no mundo inteiro, independente das religiões sabem que sofrem abuso sexual, violência doméstica e muitas outras formas de apedrejamento psicológico ou social. Temos mais de dois mil anos do episódio do apedrejamento e muitos homens não aprenderam com o Cristo.

Mas, houve alguns progressos. Podemos até dizer alguns consideráveis progressos em relação a diversos aspectos da condição feminina nas sociedades atuais, principalmente no Ocidente. Em contraste a esse texto, bíblico citado, vemos que as leis mudaram o que antigamente era tido como ato de morte, hoje é considerado uma profissão, denominando essas mulheres de profissionais do sexo, sendo reconhecido por estar entre a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), além de ter uma ajuda do governo, o qual abre um espaço na página oficial do site do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE),² trazendo uma cartilha completa, ensinando como ingressar nessa profissão. Isso trouxe bastante repercussão na mídia, apresentando a questão de que essa oficialização estava em contraste com as propagandas contra a exploração do turismo sexual. Entretanto, há dois motivos importantes para regulamentação dessa profissão: o primeiro dá o direito à aposentadoria, já que o código permite o recolhimento do INSS; e o segundo, a inclusão nas estatísticas do censo do IBGE. Digamos que todo esse reconhecimento tornou a profissão legalizada, e, que não é mais considerada crime no país brasileiro.

A violência contra a mulher é um fenômeno social que enfrentamos desde os tempos passados. Já que estamos buscando exemplo de mulheres que viveram em condições muito adversas na sociedade, sem seus direitos serem respeitados, ou se quer existirem, uma dentre essas muitas vítimas se chama Tamar, filha do rei Davi com a princesa Maaca, irmã de Absalão e meia-irmã de Amnom. Pertencia à realeza, levava uma vida reclusa do convívio social, jovem

² Informações retiradas de < <http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>>.

muito bela. Encantado com tamanha beleza de Tamar, Amnom elabora um plano para ficar a sós com sua irmã. Fingindo-se estar doente, Amnom pediu a seu pai, que a moça lhe cuidasse enquanto estivesse enfermo. Não tendo motivos para suspeitar do seu meio-irmão, Tamar concordou em oferecer os seus cuidados. No entanto, para seu horror e desespero, a moça virgem, de apenas quinze anos de idade, caiu numa armadilha e foi estuprada, mesmo resistindo, implorando para que Amnom não cometesse tamanha crueldade, tudo foi em vão. Tamar, então, é lançada para fora da casa do meio-irmão, e já coberta por aquele sofrimento, rasgou suas lindas vestes, e colocou cinzas sobre a cabeça em sinal de pesar e humilhação extrema. Mas, o culpado permaneceu ileso, até o próprio pai de Tamar nada fez pela filha:

Quando Ihos oferecia para que comesse, pegou-a e disse-lhes: Vem, deita-te comigo, minha irmã. Porém ela lhe disse: Não, meu irmão, não me forces, porque não se faz assim em Israel; não faças tal loucura. Porque, aonde iria eu com a minha vergonha? [...] Porém ele não quis dar ouvidos ao que ela lhe dizia; antes, sendo mais forte do que ela, forçou-a e se deitou com ela. [...] Então, Tamar tomou cinza sobre a cabeça, rasgou a túnica talar de mangas compridas que trazia, pôs as mãos sobre a cabeça e se foi andando e clamando. (2 Samuel, 2009, cap. 13 vers. 11, 12, 13, 14 e 18).

Como Tamar, muitas mulheres trazem em sua história marcas de violência sexual, como também de agressões física, verbal e psicológica, são elas as maiores vítimas. Muitas vezes, as agressões começam dentro de suas próprias casas, com parentes próximos, provocando inúmeras consequências para aquela que foi violentada física e também sexualmente. Diferente do passado, temos atualmente uma lei que previne, coíbe, pune o agressor, proporcionando à mulher acompanhamento físico e psicológico. É a Lei 11.340³, popularmente conhecida como a *Lei Maria da Penha*, sancionada no dia 7 de agosto de 2006, que promoveu uma mudança significativa para as vidas que sofreram e ainda sofrem tais abusos, isso nos comprova que desde os primórdios a base cultural advinda do patriarcado, preconizou a inferioridade e a submissão da mulher em relação ao homem.

A condição feminina na sociedade ainda sofre as influências de muitas religiões, ou então, adotaram esse modelo de significado, pejorativo, de que

³ Informação retirada de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm.

mulher é um ser subjugado, simplesmente para não ter o espaço que a ela lhe cabe, levando o homem à supremacia ditada pelos valores do patriarcado, o qual atribuiu maior valor às atividades desenvolvidas pelo homem, em detrimento das atividades femininas e legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da sua autonomia, e estabelece papéis sexuais e sociais em que o masculino tem vantagens e prerrogativas.

O que vamos observar, no capítulo de análise do romance, nosso capítulo 2, é que a Feia, a que escreveu a Bíblia é bastante diferente dos exemplo de mulheres bíblicas subjugadas. Porém, ha no livro de Moacyr Scliar, uma menção bem clara ao patriarcado querer subjugar e dominar esta mulher; mas ela não fica subjugada por muito tempo. Este romance é uma forma de releitura da História e uma desconstrução do modelo bíblico o modo como o autor elabora a sua protagonista neste romance.

1.2 Corpo e condição feminina

Nunca na história da humanidade o culto ao corpo foi tão intenso como nos dias atuais, as preocupações das pessoas em estar em forma, à procura por medidas ideais, satisfação pessoal, alegria, prazer ou até mesmo motivação na vida, são alguns exemplos que retratam “corrida” em busca do corpo perfeito. As mulheres e os homens se preocupam cada vez mais com a forma física: os quilinhos a mais, a pele, o cabelo, o corpo já não são mais os mesmos tudo precisa de uma mudança, seja na cor dos cabelos ou no bronzeado artificial ou ainda aderem a cirurgias colocando ou retirando o que não lhes parece perfeito. O corpo sem duvidas é o principal motivo de tanta inquietação, pois a beleza é vista como algo necessário para que alguém possa obter completa felicidade. Segundo Sohn (2008) explicita: “Liberdade de um lado e exigência de transparência do outro envolvem agora o dia-a-dia do corpo sexuado” (SOHN, 2008, p. 109).

A sociedade atual, em sua grande maioria caminha com pessoas donas de si mesmas, livres para tomarem as suas próprias decisões e as evoluções fez com que a mulher agisse sobre seu próprio corpo de modo a

explorar os desejos internos, em busca de atender as exigências sociais e realizar seus ideais como ser cada vez mais presente, seja no modo de sedução, no trabalhar, ou como comandar seu lar.

E por se tratar do corpo, em que se passam todas as sensações físicas, mentais e acontecem às variações sentimentais, seja estas de amor ou ódio, alegria ou tristeza, percebemos que é por meio dele que essas emoções transparecem, experimentando assim mudanças que a sociedade exige.

Compreender o corpo atualmente determina, portanto, analisar o contexto histórico no qual o sujeito está inserido, pois as suas transformações dependem muito do meio em que vive, observamos na citação de Sohn (2008), como o ser humano vai, progressivamente, se desvelar sob efeitos de acontecimentos sociais:

Homens e mulheres, com efeito, são reduzidos a isso, para encontrarem sozinhos um parceiro que outrora a família e as relações tiravam do ninho, a jogarem com seus trunfos pessoais e, entre eles, o primeiro de todos: o físico. (SONH, 2008, p. 110).

Seguindo o mesmo plano de transformações, não podemos deixar de lembrar o Movimento feminista que eclodiu na primeira metade do século XIX, iniciando principalmente com o direito ao voto, igualdade social entre os sexos, com salários iguais e os direitos trabalhistas garantidos, participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais, direitos reprodutivos, incluindo o acesso à contracepção e a cuidados pré-natais de qualidade, direito a educação superior, enfim os gritos, os protestos de mulheres que ao longo do tempo foram influentes em várias áreas, como Nísia Floresta, Bertha Lutz, Jerônima Mesquita, Mary Wastoncraft, Simone de Baeuvoir, Christine de Pisan, Coco Chanel, citando apenas algumas, que romperam com paradigmas estabelecidos do passado e mudaram, de algum modo aspectos que desfavoreciam as mulheres. Acreditamos que a contribuição destas e muitas outras feministas ou mulheres que apenas lutaram por direitos iguais foi o que deu mais liberdade ao sexo chamado frágil; e deram o direito das mulheres à sua autonomia e à integridade de seu corpo, conforme vemos em muitas sociedades nos dias de hoje.

Nísia Floresta, uma visionária que se preocupou com a educação em meio a uma sociedade retrógrada e contrária a ascensão de liberdade intelectual

feminina, fundou no Rio de Janeiro o Colégio Augusto, frequentado apenas por mulheres, numa época em que a maioria das mulheres era analfabeta, enquanto aquelas que estudavam lhes eram ensinado apenas a ler, escrever, contar, trabalhos domésticos e de agulha, pois se acreditava que para a mulher bastaria a alfabetização. Considerada uma precursora dos ideais feministas no Brasil, por defender o direito das mulheres, transformou essa visão patriarcal, proporcionando ensino igualitário para ambos os sexos.

Nascida em Veneza, no ano de 1364, Christine de Pisan, poetisa e filósofa francesa de origem italiana, criticou, sobretudo o modo vulgar como eram representadas e tratadas às mulheres nos textos literários, venceu os limites de condição feminina, lutando contra as injustiças do seu tempo, contribuindo através de sua escrita ousada, mostrar a importância das mulheres e suas contribuições para a sociedade, nessa mesma linha de pensamento temos Simone de Beauvoir que reforça as ideias de Christine de Pisan, como vemos nessa citação:

Pela primeira vez, vê-se uma mulher pegar na pena para defender o seu sexo; Christine de Pisan [...] Reclama principalmente que se permitam às mulheres instruírem-se: 'Se fosse costume pôr as meninas na escola e normalmente se lhes as ciências como o fazem com os meninos, elas aprenderiam tão perfeitamente e entenderiam as sutilezas de todas as artes e ciências como eles entendem'. (BEAUVOIR, 1970, pág. 132).

As observações que Beauvoir faz diante dessa questão é que: "Essa disputa só concerne, em verdade, indiretamente às mulheres. Ninguém pensa em reclamar para elas um papel social diferente do que lhes é concedido." (BEAUVOIR, 1970, pág. 133). Desse modo minimiza a importância da pensadora antes citada, pois seu compromisso centrava-se no futuro da mulher, para que a mesma pudesse viver em liberdade e com dignidade humana. As ideias de Beauvoir foram feitas para o feminismo e deram muita sustentação às lutas feministas na Europa, irradiando conceito e discussões em favor da mulher e da condição feminina por vários países do mundo.

Ao se tratar de condição feminina não podemos deixar de citar Coco Chanel que com seu modo irreverente transformou o mundo da moda, trazendo para a mulher roupas leves e elegantes, uma vez que criou, as primeiras calças femininas, os chapéus estilosos, mudando as vestimentas como os espartilhos, os

chapéus avantajados e extravagantes, alterando radicalmente a maneira de vestir das mulheres, e fez perdurar até os dias atuais a sua famosa marca Coco Chanel.

Entretanto, nem todas as mulheres têm o espírito livre ou a conduta de lutadoras pela liberdade. Embora as leis, as teorias que estudam sobre a figura feminina, e até mesmo o meio social, nos levem a crer que a mulher conquistou seu espaço, percebemos que muitas delas vivem de modo como a manter o sentimento do patriarcado, e se deixam ser regidas pelos princípios desse modelo dominador e preconceituoso.

Foram lutas em diversos sentidos para as conquistas que se tem hoje. Conforme, destaca Sohn (2008):

Foi necessário, para tanto, superar a barreira de tradições seculares: de mostrar as pernas, ou mesmo o calcanhar para uma mulher, proibição de urinar na gravidez e no parto, recusar despir-se para fazer sua toailete, a fim de não despertar pensamentos pecaminosos em relação à moral religiosa. (SOHN, 2008, p. 110).

Em grande parte, os preconceitos contra a mulher e tudo que foi desfavorável à condição feminina teve reforço nas religiões. Se pensarmos, por exemplo, nas religiões orientais, veremos que muitas mulheres ainda vivem uma condição completamente atrasada e desfavorável, apregoada e reforçada por religiões mulçumanas. E várias outras religiões pregam a mulher como ser inferior e exigem dela que seja subalterna.

Justamente por todos estes aspectos, é que a protagonista do romance não pôde ser a autora dos livros da Bíblia. Porque nas sociedades onde o sistema patriarcal e o machismo são a voz ativa e final, a mulher ainda vive uma condição de inferioridade.

CAPÍTULO II

A PERSONAGEM FEMININA: ESCRITA PODER E CORPO EM A *MULHER* *QUE ESCREVEU A BÍBLIA*

2.1 A personagem no romance

Quando pensamos em personagem, imaginamos alguém que atua determinado papel seja em obras literárias, em novelas, no cinema, no teatro. Notamos que elas assumem diferentes maneiras de agir, a depender de muitos fatores que estejam envolvidos na sua composição, tais como fatores sociais, psicológicos, históricos, dentre outros. Resumidamente, significa a arte de representar as várias facetas do ser humano, afinal o escritor que cria personagens é um inventor que dá vida e sentido a pessoas e a um mundo ficcional; e, para tanto, existe uma afinidade muito próxima entre ele e o que escreve.

Podemos observar, de acordo com Forster (1969) que “os protagonistas numa história são, ou pretendem ser, seres humanos.” (p. 34). Para Forster a personagem não tem vida secreta, ou seja, tudo referente ao ser criado pelo escritor está exposto, conhecemos a personagem, suas ideias, vontades, pensamentos, qualidades e seus defeitos, e torna a ficção impactante para o leitor, diferente das pessoas no mundo real que nunca conhecemos o âmago daqueles que nos são íntimos.

É, então, através da construção das personagens que se dá o processo de desencadeamento do enredo, pois são as causas decorrentes das ações delas, descritas na narração, o que caracteriza o enredo. Temos por meio da narração a personagem parte na descrição do texto, segundo Genette afirma:

Toda narrativa comporta com efeito, embora intimamente misturados e em proporções muito variáveis, de um lado representação de ações e de acontecimentos, que constituem a narração propriamente dita, e de outro lado representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina hoje a descrição. (GENETTE, 1976, p. 262).

Vimos então, que a narrativa é composta pela descrição de elementos importantes como ações, acontecimentos e objetos, que exercem determinadas funções, seja de informar ou embelezar, no intuito de entendermos o que está escrito, sendo a personagens apenas um dos elementos na obra fictícia.

O romance moderno, por volta do século XVIII, e estendendo-se até o século XX, alcançam um desenvolvimento que evidencia transformações na estrutura da obra, a qual passa de enredo complexo e personagem simples, para enredo simples e personagem complexa, pois apresenta ações mirabolantes que trazem complicações psicológicas e físicas da personagem, dificultando a compreensão por parte dos leitores, tais mudanças se devem ao esforço do romancista, de aproximar ser fictício de pessoas reais, isso porque, segundo Antônio Cândido (2007), "o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser". (CANDIDO, 2007, p. 59).

Verifiquemos nessa afirmação que, enquanto na vida estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, o romancista tenta dar a personagem valores que compõe um ser e isso vai torná-lo vivo no romance. O escritor procura dar vida, personificar a personagem:

Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos procura personificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o 'vívido'. (BRAIT, 1987, p. 61).

Podemos perceber, portanto, que ela sempre marca movimentos e pensamentos reais, mesmo que escritos em uma obra de ficção, pois quem lhe dá sentido de existência tem forma e vida de verdade e conhece tudo que envolve o ser ficcional que está sendo criado. E por mais que os teóricos afirmem que não existem artifícios que denunciem a natureza dos conceitos do narrador, embora se apresente em primeira ou terceira pessoa, sempre dará conta de dizer aquilo que ele mesmo inventa, como pontua Beth Brait (1987), "A sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos e complexidades dos seres que o habitam realizam-se na articulação verbal." (BRAIT, 1987, p. 66).

Assim, nesse universo de palavras, em que o narrador se descreve incorporando um personagem, é que o leitor vai decifrar a sua existência, pois quando ler e a conhece, visualiza-a e promove uma análise da condição da personagem, e pode se sentir ele mesmo como sendo parte do enredo,

produzindo com isso um retrato da personagem, cujos traços são progressivamente construídos na leitura.

Em suma e de acordo com Brait (1987), a personagem não se reduz aquilo que o romance diz dela, mas a materialização de como o leitor a ver e da vida, levando em conta o seu mundo extra-textual e intra-textual, tudo vai contribuir para que a ficção seja real, para que a personagem se torne de fato uma pessoa, na imaginação do leitor. Afinal, independente da opção analítica que se faça, não podemos perder de vista o que de fato o autor quer que aprendamos com o que ele escreve, pois quando falamos em personagem estamos recorrendo a seres puramente ficcionais, mas também intencionais. E a forma como se organizam e se relacionam com os diversos componentes narrativos é que vão nos apresentar sua visão de mundo, ponto, este, de conexão direta entre o literário e a realidade.

2.2 Elaboração da personagem protagonista em *A mulher que escreveu a Bíblia*

Um dos pontos que discutimos no capítulo anterior foi à condição da mulher e sua representação na Bíblia, pois esse é um tema muito abordado na literatura contemporânea. Baseando-nos nessa perspectiva procuramos revelar algumas facetas da personagem escolhida para apresentar uma nova versão dos fatos que migraram diretamente da história para o universo literário, o que nos levam a reavaliar, reinterpretar o passado que é narrado na obra *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999) de Moacyr Scliar, visto agora através de uma leitura crítica. Ou seja, o olhar contemporâneo do autor em um estilo de prosa irônica e ao mesmo tempo paródica, revendo conceitos culturais, sagrados e históricos, tomados agora em outra perspectiva.

Para melhor observarmos o percurso feito pela personagem vamos nos deter especialmente aos estudos de Cristina Viera, *A construção da personagem romanesca* (2008), observando, sobretudo, o capítulo dos “Processos narratológicos”.

Para esta estudiosa: “o romance moderno é indissociável desta confrontação do indivíduo, bem consciente do caráter legítimo de sua autonomia, com o mundo que o rodeia” (VIEIRA, 2008, p.677). A partir disso, notamos que o romance de Scliar (1999) apresentará a protagonista da obra como aquela que vai construindo sua própria história, porque vai superando as dificuldades que impedem de conquistar o que almeja, mesmo enfrentando todos os costumes e repressões da época do patriarcado judaico bíblico.

A Feia, como é intitulada, descobre sua feiura aos dezoito anos de idade. Residia em uma tribo, filha primogênita, de pai severo e machista, onde todos a olhavam com certo preconceito ou nojo, sofreu com a solidão do menosprezo, por tamanha fealdade: “Não. Eu iria até o fim com a minha cara. Sozinha, decerto – não aguentaria olhares de horror, de espanto, de tristeza, de comiseração.” (SCLIAR, 1999, p. 25). Desesperada, ela sai em busca de respostas por ser castigada de tal maneira e encontra uma culpada, sua mãe, aquela mulher quieta que de tudo tinha medo. Esta, quando grávida olhava para a montanha pedregosa, com certo ar de ódio, ou até mesmo de tristeza, pois sabia que lá se encontrava seu marido com alguma outra mulher a realizar desejos de outra e não os seus: “O cretino esta me traindo, então vou me vingar dele deixando na cara do filho as mesmas marcas da crueldade que deixou em meu coração.” (SCLIAR, 1999, p. 21).

Percebemos que o desejo de sua mãe se realizou, porque enquanto grávida ela desejou que todo seu sofrimento de traição por parte do esposo fosse transparecido no bebe que estava em seu ventre, levou Feia a revolta, que culpou sua mãe de sua aparência que a todos causava assombro: “Depois de pensar muito, achei a culpada: minha mãe”. (SCLIAR, 1999, p. 20).

A beleza não acompanhava a filha que nascera e para amenizar aquele sofrimento de desprezo que afligia a Feia, então, abriga-se em uma caverna se distanciando de todos e tentando preencher esse vazio com uma pedra, esse objeto que lhe proporcionava tanto prazer e fazia esquecer momentaneamente aquele desengano, masturbava-se na caverna. Isso porque, a sua feiura causou isolamento e isso fez com que ela procurasse de alguma maneira suprir essa rejeição e passa a praticar seus próprios prazeres em

substituição ao corpo não aceito pela sociedade de sua tribo, citando Scliar (1999):

Essa pedra substituiria o amante que eu, feia nunca teria. Introduzida na vagina, far-me-ia gozar.
Não deu outra. A partir daí a boa pedra me proporcionou muitos e muitos momentos de amargo e solitário prazer. (SCLIAR, 1999, p. 25).

Observamos, assim, o caráter processual de transformação da personagem que não acompanhou os valores das mulheres do seu tempo. Ela passa a vivenciar uma vida diferente do que lhe era imposto, valores começam a ser substituídos quando ela não segue a tradição moralística que cabia mulher, e como diz Vieira (2008): “a avaliação de valores a que o romancista sujeita uma personagem é fundamental na construção da personagem romanesca”. (p. 349).

Notamos que a necessidade física da personagem, em saciar seus desejos sexuais, é tão forte que aceita qualquer estratégia para satisfazer esse desejo. Depois de longos dias a sós, aparece-lhe o pastorzinho, homem que cuidava das ovelhas de seu pai próximo a caverna onde se abrigava, e que fora seu primeiro pensamento de amor. A vontade de possuí-lo a dominava, conseguiu aproxima-se dele, no entanto, nada podia acontecer entre ambos, pois o jovem amava a sua irmã e seu lugar secreto, se torna ponto de encontro para sua irmã e o pastorzinho, ambos apaixonados, e a Feia achavam-se cada vez mais frustrada com todas essas desventuras: “Acabei caindo na vala comum. Na vala comum dos sentimentos humanos, digo. Apaixonei-me”. (SCLIAR, 1999, p. 26).

Naquela época a pessoa que dominava as letras tinha regalias, na tribo, por exemplo, o escriba era porta voz, quem lia todos os avisos que chegava. E sendo conhecedor da história da filha mais velha do seu senhor (a Feia) tentava agradá-la lhe presenteando com comidas como queijos, doces, mas isso não foi suficiente, pois ele ainda reconhecia uma parte triste em sua vida, motivo pelo qual decide ensiná-la o que sabia: “Vou – anunciou, em voz solene, se bem um pouco trêmula – ensinar-te a escrever.” (SCLIAR, 1999, p. 29).

Sabendo-se que era negado à mulher o direito ao conhecimento, por ela ser considerada propriedade do homem, destinada ao papel de mãe, esposa e dona de casa, como vimos antes, percebemos o romancista, elaborar uma personagem que foge aos padrões daquele século, tanto na que se refere ao

comportamento sexual, quanto ao fato da personagem aceitar ter aulas com o escriba, algo que passa a ocupar o tempo da moça, tornando-se sua fonte de maior prazer, já não ia mais a caverna encontrar-se com a pedra, porque com a leitura amava tudo o que podia criar, através de sua imaginação. Aquele conhecimento tinha transformando-a em alguém diferente das demais mulheres, tornou-se intelectual, a única que sabia ler e escrever: “Sentia-me leve, solta, como se o ato de escrever – uma letra, uma única letra – tivesse me libertado de um passado opressivo.” (SCLIAR, 1999, p. 30). Tais acontecimentos nos remete ao que expõe Vieira (2008), quando afirma que:

As modalidades protestativas da liberdade, da impotência e da obediência são conjugáveis criando estruturas axiológicas díspares. Assim, a primeira modalidade permite a construção axiológica de personagens soberanas do seu destino, livres e independentes, que podem suscitar admiração ou aversão pela forma como gerem a sua liberdade e a dos outros. (VIEIRA, 2008, p. 372).

Todos esses aspetos de modo de ser transfiguram uma mulher que, cercada de tradição e repressão, consegue uma característica ousada, ainda que proibida para aquele tempo. Embora fosse à Feia intelectual, algo ainda lhe faltava, havia dentro de si uma parte que não estava completamente livre. Precisava de um companheiro, alguém que pudesse substituir a pedra, seus desejos não podiam ficar sem serem correspondidos, e até quando teria de suportar essas vontades íntimas.

Nesse confronto, intrigante entre seu eu e a responsabilidade que cabia por ser mulher, restava apenas aceitar a situação que o destino tinha reservado para si, como em um dia normal aparece o emissário para assegurar a notícia que mudaria sua vida, selar o casamento da filha mais velha (a Feia) do chefe da aldeia com o rei Salomão. A mensagem que trouxera aquele senhor tinha-a deixado radiante de felicidade, como mostra a citação: “De acordo com a tradição e a lei, dizia a carta, ficais intimados a ceder vossa filha mais velha como esposa do rei” [...]. (SCLIAR, 1999, p. 34).

Já estava na condição que queria, tinha um esposo, que não era qualquer um, era o rei Salomão e a beleza e sabedoria dele a tinham alcançado de tal maneira que logo ela se apaixonou, entretanto, o casamento não era como esperava. Tudo no palácio acontecia como e quando determinava o rei, isto

significa dizer que ele só, cumpriria as honras nupciais com sua nova esposa no dia que ele quisesse. Ou seja, ela sabendo-se imensamente feia podia até nem ser visitada por ele durante um ano inteiro. E ela seria obrigada a cumprir todos os rituais do harém, e se submeter a todas as regras imposta pela administração do palácio e pelo rei. Conforme nos lembra Vieira (2008):

A combinação complexa da obediência e da liberdade gera personagens com sentido de lealdade, capazes de conciliar um certo espaço de liberdade com obediência ao soberano, ao chefe ou a uma ordem [...] sendo impotentes para se fazerem aceitar pela sociedade. (VIEIRA, 2008, p. 372).

Assim fica claro, de acordo com o fragmento citado, que a personagem tinha que se submeter às ordens do seu marido, mesmo que este lhe negasse a execução dos seus deveres.

O tempo no palácio não passava, não havia nada para se fazer naquele imenso lugar, até mesmo porque seu objetivo era que o rei a chamasse para o seu leito e a enchesse de carinhos. Voltou-se então a planejar formas para chamar a atenção do marido e conseguiu juntar para junto de si no protesto contra o rei, 80% das esposas e 50% das concubinas: “As mulheres agora pareciam encantadas com a ideia [...] – A feia! A feia! Que durma com a feia!” (SCLIAR, 1999, p. 68). Sua ação de rebeldia e transtorno causados no palácio não teve muito êxito, porque mesmo tendo sido chamada aos aposentos de Salomão o casamento não foi consumado: “Mas arcarás com as consequências: sairás daqui como entraste: cabaço.” (SCLIAR, 1999, p. 75).

Isso fora uma completa humilhação para a Feia, que certamente não deixaria assim, tinha que pedir ajuda a seu pai, principalmente, para que a aliança política com o rei perdurasse. Resolveu então escrever uma carta para seu pai, que seria levada pelo pastorzinho, a sua primeira paixão, que vivia a tocar flauta próximo ao templo, plano este falível, pois os guardas do palácio conseguem capturar a carta, e esta é entregue a Salomão.

O rei, admirado com os escritos da Feia propõe-lhe a escrita de um livro, atribui a tarefa de reescrever o texto sagrado, a história da humanidade, tarefa esta que estava designada aos escribas, com o objetivo de deixar algo que

contasse a história da humanidade e fosse descrito todo seu reinado e de seus antepassados, para não caírem no esquecimento:

A proposta despertou em mim sentimentos contraditórios: De um lado era uma decepção – mais uma. Em vez de uma declaração de amor, uma proposta editorial. De outro lado, contudo, eu me sentia lisonjeada com a escolha – prova de que reconhecia em mim um valor. (SCLIAR, 1999, p. 88 e 89).

Embora não sendo um pedido de desculpas, como mostrou a citação, a personagem fica encantada com a missão, ver essa proposta como um meio de se aproximar do seu companheiro e passa a utilizar a escrita a seu favor, enfatizando na obra aquilo que desejava fazer com o rei Salomão.

Conforme assegura Vieira (2008), A sedução, a tentação à persuasão e o pedido são variantes da intervenção que contam com o querer da personagem sujeita a esta factividade. (VIEIRA, 2008, p. 369). Nessa perspectiva, observamos que a protagonista da narrativa busca a sua identidade no decorrer de todo o enredo na tentativa de auto se encontrar fisicamente e sexualmente e a partir do segundo capítulo, vemos os relatos de suas fantasias interiores e como a mesma conseguir realizar todos os seus anseios e cumprir com suas designações, visto que venceu todos os olhares preconceituosos e consegue encontrar a quem tanto procurava em suas terapias, certo pastorzinho.

2.3 Corpo x escrita: a Feia que escreveu a Bíblia

Devemos lembrar que embora se trate de uma obra fictícia, os personagens desencadeiam uma sequência narratológica que realmente aconteceu, articulando um diálogo entre a História e suas possibilidades de reescrita, característica esta bastante relevante, pois se trata de tempos longínquos, de personagens que fizeram parte de outra época, mas que apresenta traços da contemporaneidade, como afirma Cândido (2005):

[...] há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades

para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança. (CÂNDIDO, 2005, p. 55).

Desse modo, apropriando-se de textos e discursos sobre o passado, sejam estes históricos ou literários, *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999) de Scliar nos apresenta uma versão crítica do conteúdo bíblico, uma delas é sobre a figura feminina que, embora vista em muitas culturas como dona lar, esposa submissa com missão principal de procriar, vem através deste romance, traçar um perfil da mulher do século XX. Segundo Bloom (2012) não se pode dizer de maneira concreta que a arte literária e a doutrina religiosa são verdades puras, pois ambas vão se valer dos conjuntos de ideias e valores que em um fato é apresentado:

Poesia e crença, da maneira como as entendo, são modos antitéticos de conhecimento, mas ambas partilham da peculiaridade de suceder entre a verdade e o sentido, ao mesmo tempo em que se encontram de algum modo apartam tanto a verdade quanto o sentido. (BLOOM, 2012, p. 22).

Além disso, percebemos que a protagonista, diferentemente dos outros personagens, se destacar não apenas porque sabe ler e escrever, mas por trazer novidades no seu modo de pensar, fato crucial para o desenvolvimento de sua vida social, por romper com os hábitos, até então, vigentes nos discursos bíblicos:

Além disso – mulher escrevendo? Impossível. Mulher, mesmo feia, era para cuidar da casa, para casar, gerar filhos. O que ele estava me propondo não chegava a ser uma transgressão, mas era algo fora do comum. Que poderia lhe custar caro. (SCLIAR, 1999, p. 29 e 30).

Apesar de se tratar de uma história híbrida a Feia, que era boa de corpo, no sentido em que sua forma comparava-se a uma mulher de muitas curvas, tinha a necessidade física de estar ao lado de alguém e poder liberar seus desejos reprimidos. É curioso observar que mesmo o autor usando dados muito concisos de nossa contemporaneidade, a protagonista transparece um modelo camuflado de liberdade, respeitando sempre a ideia de que ela pertence a classe submissa, afinal era mulher, e de acordo com Simone de Beauvoir (1970): “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Embora apresente essa evidência notamos que em algumas passagens da obra a personagem principal desencadeia uma representação contemporânea, ora demonstrando ter um poder de não submeter seu corpo a indiferença e aos prazeres do rei, no primeiro momento porque é feia, e em segundo porque quando comparece no leito de Salomão para ter seu objetivo reivindicado, que era dormir com ele, o mesmo broxa:

- Agora: de quem é a culpa? É tua. Quem mandou ser tão feia? Além de feia, estúpida. Estou por um momento de grandes dificuldades, até ameaça de rebelião enfrento. O que se espera de uma esposa em circunstâncias assim? Compreensão, paciência. Mas não. Forçastes a barra, fizeste até um comício para me obrigar a te receber. Resultado: brochura. (SCLIAR, 2007, p. 75).

Justamente nesse ponto que acreditamos no poder de persuasão que a mulher tem sobre o homem, que está relacionado ao direito de fazer o que deseja, pois ele, mesmo rei, estava de frente a alguém que se encontrava na mesma posição intelectual, exigindo que o esposo cumprisse com seu dever.

Atualmente é possível discutir sobre essas questões como: o sagrado, o papel da mulher na sociedade e a conquista de direitos antes não permitidos. Isso porque como aponta Xavier (2007): “as mulheres começam a romper o silêncio sobre seu próprio corpo, reivindicando o direito ao prazer.” (p. 155). Essa é uma maneira de exigir autonomia sobre si mesma, visto que a mulher daquela época pertencia a um só homem e deveria permanecer casta até dia do casamento, ser fiel ao seu esposo, em contradição tem a figura masculina que é o provedor de alimentos para o lar e que podia ter várias mulheres a seu dispor. De acordo com Simone de Beauvoir (1970), a mulher tem a importância que ela atribui a si própria, como mostra a citação abaixo:

A natureza, como a realidade histórica, não é um dado imutável. Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. (BEAUVOIR, 1970, p. 13).

Convém observar que mesmo se tratando de uma obra literária moderna, a tradição está presente a todo o momento, até porque se trata de uma reescrita do texto bíblico, e para tanto o romancista não pode se afastar muito do

original, ou ignorar os fatos reais, pois o credo ainda é algo muito forte em nossa cultura.

As esposas e concubinas do rei estavam sujeitas a cultuar ao mesmo Deus do seu esposo, vejamos o que diz em 1 Reis: [...] “Pois sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses.” (1 REIS, 2009, cap.11 e vers. 4).

A mulher representava de modo geral uma pessoa que não podia exercer seus direitos, mas deveria cumprir com todos os seus deveres. Desde o Gênesis, em que a criação de Eva é extraída de um osso de Adão, notamos a imagem dela como um ser dependente. No entanto, a nossa personagem vai um pouco além, exigindo do homem que ele, assim como ela, cumpra com o seu papel de marido, não sirva apenas como mantenedor da casa, mas também como alguém que lhe desse carinho, amor e realizasse suas fantasias sexuais.

Ao longo das gerações vemos que a mulher vem alcançando cada vez mais o seu espaço, no entanto se voltarmos um pouco, principalmente ao século X, no qual se passa o enredo, notamos que a fêmea esteve sempre condicionada e treinada para ser senhora da casa, como já mencionamos, um ser praticamente inexistente para a humanidade. Sendo assim, é nessa perspectiva que o narrador apresenta, em primeira pessoa uma personagem que portará para nossa sociedade, em linhas de um texto sagrado, uma atualização desse arquétipo, o que segundo Fernandes (2003):

A tradição oral não constitui, essencialmente, pelo repertório de histórias formado ao longo dos tempos, mas pela contínua atualização destas histórias, o que requer ininterruptas (re)criações de conteúdos a cada contexto. (FERNANDES, 2003, p. 57).

O enfoque está na compreensão dos aspectos contemporâneos apresentados na narrativa, visto que não eram características da época, que são expressos através de uma linguagem pitoresca, configurando assim, a (re)criação da qual trata Fernandes (2003). Percebemos ainda em algumas passagens da obra, que ela se apresenta da maneira diferente da qual estamos acostumados a ouvir, aproximando-se da linguagem comum, isso porque segundo alguns estudiosos, a personagem tenta exteriorizar seus desejos, sua solidão por meio da fala que por muitas vezes, expõe seus sentimentos de maneira agressiva e

grotesca, como mostra a passagem que segue retirada do romance, em que ela expressa o quanto se sentia humilhada, desprezada e maltratada com o tratamento que recebia por parte das outras pessoas, pelo fato de ser feia:

Olhavam-me, olhavam minha cara, e – de onde saiu essa coisa? - riam. Risinhos, a principio risinhos; logo, cacarejos; gargalhadas – deboche escarrado, total desrespeito; solidariedade, çavasansdire, nenhuma. Olhem só esse bagulho, essa aí não foi parida, foi cagada, se sofresse do coração já teria morrido. (SCLIAR, 1999, p. 43).

Se antes a esposa era confinada a casa, aos filhos e ao marido, a protagonista desta obra mostra, por meio de seu comportamento que a mulher começa a encontrar caminhos para se libertar físico e socialmente, pois a liberdade do físico está condicionada a liberdade social como mostra Xavier (2007):

É interessante observar que esta liberação do corpo como fonte de prazer caminha paralelamente à liberação sócio-existencial das mulheres, no nosso contexto androcêntrico, mostrando que a liberdade só se conquista em todos os planos. (XAVIER, 2007, p. 156).

Diante dessa citação, observamos outro ponto importante, o corpo que é representado pela protagonista se divide em duas fases: o da repressão e o da liberdade. Pensar em algo reprimido é tirar de alguém as suas vontades e lhe dar o condicionamento psicológico para inverter a cadeia em que se vive, e isso é demonstrado de várias formas através do corpo da personagem em estudo. A princípio notamos sua insatisfação com o seu próprio corpo, o qual não era aceito pela sociedade nem por ela mesma, achando-se muito feia, a ponto de se descobrir incapaz de conquistar alguém, o que lhe traz tristeza e decepção, como podemos observar na citação abaixo:

Com o que sentiu-se aliviada, gratificada. Eu, não. Mentiras à parte, meu destino estava traçado. Agora eu era a feia, e tudo em minha vida seria condicionado por minha feiura. Homem algum gostaria de mim. Homem algum cantaria minha beleza em traços líricos. Minha vida amorosa seria tão árida quanto o deserto que nos rodeava. (SCLIAR, 1999, p. 24).

Isto é o que Xavier (2007), denomina de corpo invisível, pois a personagem não sabia como era a sua face, porque segundo a narrativa romântica, não era permitido às mulheres olhassem-se no espelho, para não

serem ostentadas pela vaidade, vista no século X, como um pecado profano. Entretanto, a personagem transgredir mais essa tradição, como expressa o trecho que segue:

Mas fazia o que todos os espelhos têm de fazer, para a felicidade ou desgraça de alguém de quem neles mira: mostrava um rosto. Meu rosto. Eu não acreditava no que estava vendo. (SCLIAR, 1999, p. 17).

A condição desfavorável assumida pelo seu corpo é substituída aos poucos, a partir do momento que a personagem vai conseguindo, o que Xavier (2007), denomina corpo erotizado. Este tema aborda os desejos, os prazeres sexuais, cujo modelo a narrativa ousa explorar, desconstruindo os tabus daquela época.

Observamos que a personagem tem esse corpo diferenciado e, portanto escolhe objetos exóticos que lhe trariam contentamento sexual, realização de um desejo que poderia não ser concebido com um parceiro, um homem, até o momento em que se apaixona pela primeira vez, e percebe, naquela paixão pelo pastorzinho, que é tão mulher quanto qualquer outra, por isso descobre que necessita de algo mais que aquela pedra, um homem de verdade, e passa ver no pastor o que uma mulher apaixonada enxerga na pessoa amada: “um belo rapaz, alto, forte; numa voz muito bonita, entoava nostálgicas canções que falavam de amores impossíveis”. (SCLIAR, 1999, p. 26), mesmo sendo uma paixão proibida.

É nesse sentido que esse corpo invisível está sempre em busca dessa manifestação indenitária, visto que de tantas maneiras a personagem não consegue se realizar, achando-se impotente. Apesar da complexa vida conturbada, temos um fator bem marcante, que é quando a personagem aprende a escrever, a partir desse momento da narrativa tudo muda para ela, pois o poder da escrita estaria agora em suas mãos, habilidade concedida apenas a alguns homens daquela época. Dessa forma percebemos que com a aquisição do conhecimento intelectual a personagem passa da repressão à liberdade, mesmo que seja uma liberdade limitada.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, ainda podemos destacar duas maneiras de erotização corporal exercida pela personagem: a da fantasia

(desejo de libertar-se sexualmente), e a da fantasia realizada (a realização de uma vivência erótica). Nas palavras de Xavier (2007): “o corpo erotizado pode não estar envolvido pelo amor, mas estará, seguramente, vivendo sua sexualidade.” (p. 158), tal como ocorre na caverna quando a feia vive sua sexualidade com a pedra, sem que haja nenhum sentimento amoroso envolvido.

A evolução da personagem pode ser observada no decorrer de toda narrativa, pois, através da escrita ela desenvolve perfis sobre diferentes aspectos, controvérsias para a época descrita. Um deles é o fato de se destacar diante de todas as mulheres do harém por seu intelecto, por saber escrever e ler, com isso ela alcança a atenção do rei e lidera entre as mulheres: “- Maravilhoso. Tu és a primeira mulher letrada que encontro – afirmou, com uma admiração que, devo dizer, massageou consideravelmente meu ego”. (SCLIAR, 1999, p. 87).

Notamos, portanto, uma relevante diferença de comportamento corporal na construção da personagem, aquele que antes se encontrava seu ápice de desejos por meio da erotização, se vê agora diante de um corpo totalmente satisfeito, cuja necessidade se faz pelo seu intelectual, com o reconhecimento de sua inteligência, aquilo que antes era mantido em sigilo, obtém o respeito e admiração de quem ela tanto buscou, seu marido.

Temos ainda outro tipo de corpo que a protagonista assume: o corpo liberado. Este realiza atitudes interiores, as quais a personagem tenta expressar através de sua reescrita da Bíblia, mas sem êxito, porque os escribas eram responsáveis por avaliarem a escrita, e o que eles não aprovavam era, simplesmente, descartado, aceitando apenas o que eles consideravam conveniente para mostrar ao público. Logo, podemos afirmar, à luz da teoria de Xavier (2007), que a personagem ainda se encontrava enclausurada, sem liberdade para expor, através da escrita, seus instintos e desejos. Mas, a partir do momento em que o rei cumpre com seus deveres de marido e ambos se amam loucamente, ela consegue sua liberdade de posição social, passa a ser dona de suas próprias escolhas, como revela a citação:

Levantei-me de madrugada. [...] Beijei-o pela última vez e saí. [...] Sem dificuldade, pulei o muro do palácio. Corri pelas ruas da cidade adormecida, em direção ao sul, ao deserto. Ia atrás de um certo pastorzinho. Se me apressasse, poderia alcançá-lo em dois ou três dias.

À altura de certa montanha. E de suas enigmáticas, mas promissoras, cavernas. (SCLIAR, 1999, p. 162).

A Feia tinha meios para se libertar, mas não alcançava tal feito porque estava aprisionada, de várias maneiras. Por um lado estava a sua fealdade, por outro, desejos não realizados, o que chamamos de corpo disciplinado, cujo aspecto mais notório é o fato de ele estar impregnado em um mundo de religiosidade, e essas razões silenciam as mutações corporais. Entretanto notamos, a partir da citação, que a personagem consegue sua liberdade quando realiza sua fantasia sexual e assume sua verdadeira paixão pelo pastorzinho.

O corpo disciplinado obedece aos objetivos da personagem, ele tem as características que regram todas as suas vontades, mesmo que estas vontades se apresentem de formas plausíveis, para explorar seus instintos e realizar seus desejos, como podemos notar na citação que segue que se refere ao momento em que o escriba aparece no quarto da Feia dizendo que o texto escrito por ela o tinha deixado excitado e propôs ter relações sexuais com a mesma:

- Estás rindo, tu? Tu estás rindo? Rindo de mim, cadela do deserto? Rindo porque eu quis trepar contigo, coisa que ninguém jamais te fará, muito menos Salomão? Vai te enxergar, mulher. Tu és um bagulho, és um monstro de tão feia. (SCLIAR, 2007, p. 102).

É uma narrativa que vem acrescentar para os leitores de romances, porque apresenta fatos políticos, sociais, econômicos e culturais da vida da humanidade que marcaram o passado, sejam eles verdades ou não, pois assim nos foi ensinado de geração a geração, portanto acreditamos e, além disso, apreendemos o que não estava diante dos nossos olhos, mas que agora temos conhecimento por meio desses romances, vejamos o que diz Esteves:

Cabe ao leitor, em seu regresso à realidade, após a viagem pelo universo da ficção, aplacar a insatisfação que a realidade imperfeita causa. As mentiras da ficção nunca são gratuitas: elas devem preencher as insuficiências da vida. A ficção deve superar a insatisfação que a realidade causa; deve enriquecer e completar a existência; compensar o ser humano de sua trágica condição, a de desejar e sonhar com o que não pode realmente atingir. (VARGAS, 2009, p. 101).

Além disso, o texto historiográfico resumia-se apenas a um livro de história, em que deveria constar o que aconteceu e isso estava associado

basicamente aos acontecimentos políticos, enquanto os romances históricos contemporâneos vêm nos apresentar um olhar crítico sobre a história, narrando a passado através da ficção. Não podemos esquecer que por mais que esse gênero sustente fatos ou personagens do passado, trata-se de uma narrativa de ficção.

Diante dessa argumentação observamos que a protagonista não queria apenas saciar suas fantasias, se não ficaria satisfeita ao realizar tal feito com o homem que lhe foi escolhido, o rei Salomão, porém, percebe que aquele homem não passava de uma obsessão, uma realização sexual que veio a substituir a pedra e sai em busca de sua antiga paixão o pastorzinho.

Apesar de o romancista tomar por base um texto histórico milenar – a Bíblia -, fica evidente que as ações executadas pela protagonista não corresponde ao comportamento feminino da época, século X, como já foi visto. Tal comportamento assemelha-se mais aos moldes femininos contemporâneos e, assim como a protagonista, as mulheres vêm conquistando, cada vez mais seu espaço na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem inúmeras maneiras em que podemos discutir a ascensão da mulher, desde valores, comportamentos e ideais, através das quais percebemos uma notória transformação pela qual passou ao longo do tempo a figura feminina. Interromper ou afirmar que aqui tudo foi exposto seria limitar o vasto campo de comentários teóricos que existe sobre esse tema, a evolução da mulher. Há sempre algo a ser acrescentado, até mesmo porque embora se diga que ela conquistou a liberdade de expressão, ainda vivemos em uma sociedade inflexível e moralista que reflete o machismo.

Pensando nisso, observamos que estamos impregnados em um mundo em que a sociedade ainda apresenta muitos resquícios da cultura do patriarcado, sendo o homem o dominador e a mulher a dominada, e acreditamos que assim continuará até entendermos o que realmente significa Direitos Iguais, visto que da maneira que o homem faz, também dá liberdade para a mulher praticar de igual modo.

O nosso corpo nos condiciona a qualquer coisa, apesar das nossas fragilidades, e o que antes era considerado inaceitável, atualmente é o nosso natural. Mais do que a relação com o corpo, mudou também a condição de poder da mulher em muitas sociedades. Como exemplo disso, as mulheres que desempenham poder político, as que são as donas dos seus próprios prazeres e seus desejos mais íntimos, aquelas que trabalham fora do lar com remunerações justas e as que têm seu próprio negócio. Sendo que em outros tempos, a maior parte das atividades que as mulheres fazem hoje, era considerada uma desonra, diante da sociedade. Desse modo, evoluiu a condição da mulher, a relação com o seu corpo, o que agora pode fazer dele e também as condições da mulher na sociedade como um todo, como um indivíduo não mais inferior ao homem, como era no domínio do patriarcado.

Podemos afirmar que assim como nossa personagem principal, a Feia, foi uma mulher que trouxe para esse projeto conceito de uma vida moderna, aprendeu a ler e escrever, numa época em que tudo era proibido, mudou o seu próprio destino, indo de encontro com as leis do patriarcado. Vemos nessa figura

feminina um espelho para a mulher atual, que consegue se realizar através de seu profissionalismo, sendo ela mesma a autora de sua história, independente de regras, crenças e tradições severas.

A mulher contemporânea adotou um corpo sensual e provocante, que seduz não apenas pela beleza, mas também pelas atitudes que demonstram, assim como uma mulher intelectual que rompe paradigmas sociais que a definiam como inferior ou incapaz, tal como ocorre com a personagem aqui apresentada. Sendo assim, concluímos que as transformações, ocorridas ao longo da história, contribuíram para que a mulher adquirisse experiências concretas na sociedade.

Como resultado da análise, entendemos como se faz importante estudar o universo que rodeia as mulheres, desde os tempos bíblicos aos dias atuais, notamos, portanto não apenas uma mulher que vence, mas, um romance que trás à tona o conceito de liberdade conquistada, de direitos alcançados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia da Mulher: leitura, devocional e estudo*. 2. ed. Baruer 43, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. V1: Fatos e mitos. Trad. Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987. (Série Princípios)
- BLOOM, Harold. Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias. In: *_A Bíblia Hebraica*. Tradução Alípio Correia da França Neto. Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 13-35.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: *_A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007. P. 53-80. (Coleção Debates).
- ESTEVES, Antônio R., O romance histórico brasileiro contemporâneo. In: *_Narrativas de extração histórica: sob o signo do hibridismo*. São Paulo: ed. UNESP, 2010. p. 17-122.
- FERNANDES, Fernando. 2003. *A voz nômade: introduzindo questões acerca da poesia oral. A voz em performance*. Tese (Doutorado em Letras). Assis: Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista: p. 19-72
- FORSTER, E. M. *As pessoas*. In: *_ Aspectos do Romance*. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 33-65.
- GENETTE, Gérard. *Fronteiras da narrativa*. In: *_ Análise estrutural da narrativa*. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 1976. p. 255 – 274.
- PELLEGRIN, Nicole. Corpo do comum, usos comuns do corpo. In: CORBIN, Alain etalli. *História do Corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 131 – 159.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOHN, Anne-Marie. O Corpo sexuado. In: CORBIN, Alain etalli. *História do Corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 109 – 155.
- SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Coleção Companhia de Bolso.

SODRÉ, Nelson Werneck. Bases do Romantismo Brasileiro. In: *__História da literatura brasileira*. 7. ed. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 199-254.

VIEIRA, Cristina da Costa. Processos Narratológicos. In: *__A construção da personagem romanesca*. Lisboa: Colibri, 2008.

XAVIER, Elóida. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.